

EXPERIMENTAÇÃO VITAL E A ÉTICA DAS IMAGENS

Ana Letícia Peixe Euzébio (UFGD)

Resumo. *O ato de criação, a transmutação do desejo em ação, que aparece no ato de montar imagens, requer, de certa forma, uma necessidade de composição. A partir da experimentação, aqui pensada a partir da perspectiva deleuziana a partir do próprio Proust, observando as leis de “composição e decomposição dos corpos” (DELEUZE, 2010, p. 168). No encontro entre objetos, pessoas e situações, podem ocorrer encontros com signos que afetem a sensibilidade e isso fará com que os corpos se componham ou se decomponham no ato da experiência. A experiência, por sua vez, carrega um germe de mudança que pode (ou não) se manifestar na forma como percebemos e consideramos as singularidades das vivências espaço-temporais. Os dispositivos tecnológicos à disposição atualmente são meios e fluxos de experimentação que expressam a amplitude que ganhou o pensamento com imagens. Na prática de registrar imagens com a câmera do celular é que se abrem possíveis – abrir possíveis com aquilo que se dispõe no momento. No rastro da ciência e da tecnologia, os smartphones de hoje podem ser tanto uma nuvem de escape para o aqui-agora quanto um dispositivo de mergulho no acontecimento. Essas mediações técnico-científicas oferecem inúmeras possibilidades e uma delas é a chance de rachar com os imediatismos e criar um plano de composição imagético que possa iniciar uma suspensão no tempo presente e contaminar os corpos de afectos e perceptos, instaurando uma mesa de montagem entre nós e os dispositivos que compõem o mapa usual da experiência humana contemporânea. Mas quais embates queremos fazer? Que tipo de imagem a vontade de potência pode criar? Que tipo de combate a produção imagética pode abrir entre a ética da experimentação da vida e os limites da realidade molar a qual estamos irremediavelmente inseridos?*

Palavras Chave. *Ética; experimentação; imagem.*